

DIALÉTICA ENTRE O SABER E O PODER NA UNIVERSIDADE

Maria Lourdes Bortolanza*

RESUMO

Trata-se de um estudo preliminar para a construção da prática psicopedagógica na universidade. Este trabalho retoma algumas discussões, refazendo o caminho e o debate sobre a relação entre sociedade e universidade, bem como sobre suas relações internas nos vínculos entre o ensinar e o aprender, o poder e o saber. Refere-se a um diálogo com o conhecimento, com alguns de seus críticos, um pensar dialético e psicopedagógico, um reexaminar das funções da academia.

ABSTRACT

It cares for a preliminary for the construction of psychopedagogical practice in the university. This work retakes some discussions, remaking the way and the debate about the relation among society and university, as well as about their internal relations in the bonds

* Professora do Departamento de Ciências Humanas da URI – Campus de Erechim.

among the to teach and the to learn, the power and the to know. It refers to a dialogue with knowledge, with some of your criticals, a dialectic and psychopedagogical to think, a to re-examine of the functions of the academy.

APRESENTANDO O TEMA

Discutir ou problematizar a relação sociedade e universidade não se constitui algo novo, uma vez que muitos teóricos já se empenharam em refletir sobre este tema. No entanto, é sempre importante pensar nesta relação pela dinâmica em que ambas estão inseridas e, principalmente, pela interdependência existente entre elas. Desta perspectiva, procura-se retomar algumas discussões e refazer o caminho e o debate sobre a relação entre sociedade e universidade, bem como sobre suas relações internas nos vínculos entre o ensinar e o aprender, o poder e o saber.

A partir deste contexto é possível pensar e estabelecer parâmetros para a práxis psicopedagógica junto à universidade. Refletir sobre os paradigmas das interações do dia-a-dia escolar, sobre as complicadas ingerências no desempenho acadêmico, sobre a coexistência das relações entre o poder e o saber, sobre a linha teórico-pedagógica que direciona todo processo da academia, é compromisso de todos os docentes e, principalmente, dos psicopedagogos.

O que se objetiva neste texto é estabelecer um diálogo com o conhecimento e com seus críticos, um pensar dialético e praxiológico, um reexaminar das funções da academia. Teóricos vinculados à pedagogia crítico-social, como Paulo Freire, Henry Giroux e Peter McLaren, trazem avanços na teoria social e iluminam as questões em estudo.

Não se considera este texto pronto, mas uma obra-aberta para futuros estudos sobre a problemática do insucesso escolar, ou seja, em relação aos alunos em situação de fracasso na universidade e que vem a exigir um olhar e um projeto psicopedagógico.

Universidade e contexto social

Na mesma medida em que a Universidade, ou a educação em seu todo, é impulsionadora da sociedade contemporânea, torna-se evidente a necessidade de repensá-la, a partir de seu interior, inserida num contexto histórico de explosão e descentralização. A Universidade constrói e distribui conhecimento no espaço histórico-social em que se insere. É preciso fazer parte do processo de revisão e transformação histórica, colocando o capital cultural a serviço dos excluídos e formar cidadãos plenos, solidários, com esperança, ética e competência e não apenas competitivos, como o mercado exige. É estar em luta permanente na construção do bem social.

Esta luta tem vínculo direto com a crise social, ético-política, econômica, cultural, com as formas de pensar, saber e interagir na sociedade. Como decorrência, há uma exigência de questionamento mais profundo das próprias posições filosóficas, epistemológicas, políticas e ideológicas da própria universidade. Neste contexto, as agências formadoras e a sociedade civil são chamadas a redefinir papéis em função da construção da identidade da escola como espaço de formação da cidadania. Isto recai, sobretudo, na intencionalidade política, na conscientização e emancipação dos cidadãos, como instrumental para provocar mudanças nas práticas e relações sociais educativas.

Na concepção de Paulo Freire, o diálogo é a base para a superação do conflito entre oprimidos e opressores. O diálogo é dialético, é unidade e oposição de contrários. Excluindo o conflito, ele pode se tornar ingênuo, daí a compreensão da importância de entender como os conflitos se processam e por meio da comunicação superar o antidiálogo, estabelecendo uma relação de amor, simpatia, esperança, confiança e julgamento crítico, capazes de produzir sujeitos do conhecimento e cidadãos do mundo. O diálogo perpassa o conhecimento e a verdade pode emergir do confronto entre saberes. Na dialética entre sociedade e universidade se coloca o processo de produção e divulgação do saber.

A vida cotidiana é um aprendizado contínuo, uma práxis que se encaminha para a transformação. É na práxis que o homem gerencia sua vida, se transforma e modifica o meio. Na ação transformadora vive sua história e cria perspectivas para o futuro. “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da história” (Freire, 1997: 81).

Ligando ao que diz McLaren (1997, p. 185), complementa-se essa idéia: “A batalha (...) nunca será vencida enquanto estivermos confortavelmente instalados e deixarmos a história tomar seu curso, em vez de tomarmos parte ativa na criação da história”

Diante destas considerações, fica claro que a universidade tem compromisso com a história, com o desenvolvimento global do ser humano. Subjacente à natureza deste compromisso histórico está o dever de reconceber a educação e de incorporar nela os interesses dos cidadãos, os quais vêem a universidade como parte integrante de seus projetos de ascensão social. Sabemos porém, que as possibilidades de ascensão social através da universidade são cada vez mais restritas.

Na conjuntura histórica atual essa problemática se torna ainda mais crucial. É preciso compreender como a sociedade e os sistemas educacionais estão sendo repensados, através da investigação científica permanente, e reconstruídos numa práxis sociopedagógica transformadora. Não basta tomar consciência da realidade e denunciá-la. O trabalho político não consiste apenas em escrever teoricamente, mas no engajar-se na luta pela emancipação social. Foi esse procedimento que deu legitimidade à pedagogia de Paulo Freire, ou seja, articular a teoria à concretude da prática educacional-política. Desta forma, o conhecimento gerado se transforma em compromisso social. É fundamental que estes compromissos sejam influentes, vivos e endereçados. Devem fazer parte de um vasto projeto educacional. Neste ponto, cabe destacar o compromisso da Universidade como produtora de saber em benefício

do bem social. A universidade, porém, pode estar povoada de indivíduos possessivos, ideológica e materialmente fraturada.

Emerge dessas constatações a necessidade de clarear os caminhos de mudanças e de busca da verdade. Mudanças operam-se por dentro a partir das próprias contradições, das relações entre a fala e o problema, da maturação e descoberta da verdade, da ética e do compromisso. A reeducação da educação se dá no cotidiano, na lenta tarefa de fazer e ser da universidade.

Relações de poder e decisões educativas

A compreensão do processo de ensinar e de aprender na universidade vem clarificar também o significado do fracasso escolar entre acadêmicos. Esses processos não respondem apenas a uma arbitrariedade pedagógica, mas a rituais acadêmicos ligados a estruturas de poder da sociedade e aos modelos de produção/reprodução do saber como capital cultural. As instituições escolares possuem estratégias próprias para reproduzir a distribuição do capital cultural. Um fator fundamental é a diplomação. Há uma separação entre o titulado e não titulado. Pela aquisição de um conhecimento instituído, pelo acúmulo de capital cultural e por ter passado pelos “rituais acadêmicos” que lhe dão a legitimidade do exercício de uma função, de um status. É uma forma de exercer seu poder sobre os que não passaram nem foram iniciados nesses rituais. No dizer de Giroux (1997, p. 191) “... a universidade, com relativa autonomia, funciona em grande parte para produzir e legitimar o conhecimento, as habilidades e as relações sociais que caracterizam as relações de poder dominantes na sociedade”.

Na sua obra “Cruzando as fronteiras do discurso educacional”, André Giroux (1999, p. 98) posiciona a pedagogia crítica pós-moderna, como fundamental para qualquer prática política, ou seja, saber como os indivíduos aprendem, como é produzido o conhecimento e como se desenvolve a consciência crítica. “A pedagogia diz respeito aos investimentos intelectuais, emocionais e éticos que fazemos como

parte de nossa tentativa de negociar, acomodar e transformar o mundo em que vivermos”.

No interjogo entre conhecimento e poder, entre o pessoal e o político, na definição do professor como intelectual, na relação entre ensino e democracia, se desenvolve também uma luta por justiça e transformação social.

O relacionamento entre o pedagógico e o político, indicados por Giroux (1999) como fundamento de emancipação social são desenvolvidos através de alguns princípios, como:

- a) a educação como produtora de identidade e legitimação do conhecimento e do poder;
- b) a ética como respeito às diferenças individuais, culturais e históricas do ser humano;
- c) o currículo escolar vinculado ao vocabulário da justiça, da solidariedade, reexaminado constantemente em termos da cultura, do diálogo e da práxis;
- d) a criação do saber a partir da problematização do cotidiano, de identidades, valores e memória histórica e cultural;
- e) a compreensão de como as pessoas aprendem em suas inter-relações com o outro, com o corpo, com as habilidades e possibilidades, com a intuição, com o desejo e o afeto, com a inteligência e a produção;
- f) o papel dos educadores, como trabalhadores culturais, envolvidos com a produção do saber e da prática ideológica, ética e na formação dos indivíduos nos princípios da liberdade, da igualdade e da justiça.

Os ideais pedagógicos colocados por Giroux nos fazem repensar seriamente sobre o papel das Instituições de Ensino Superior. Há uma certa contradição entre o que dizem fazer e o que fazem realmente, sobre seus propósitos e significados. Por

isso, não produzem impacto fora dos círculos acadêmicos e não provocam as mudanças necessárias.

O papel dos intelectuais não é dizer aos outros o que devem fazer, mas propiciar reflexões e análise sobre o que fazem e como fazem para, reinterrogando o saber e o fazer, retomar a verdade e as possibilidades e, a partir da problematização, encontrar sua cidadania.

Compreendendo melhor as estruturas de poder, as categorias seletivas do ensino-aprendizagem no espaço escolar, existem mais possibilidades de prevenção do jogo perigoso do poder. O engajamento crítico e a opção pela verdade do conhecimento facilitam decisões pedagógicas transformadoras.

Implícita nesta análise está a necessidade de redirecionar o olhar sobre a construção do conhecimento, a natureza da academia em suas posturas político-pedagógicas. Indiciar os fracassos e deficiências na aprendizagem e descobrir novas possibilidades de pensar e organizar as experiências escolares são compromissos dos educadores em qualquer grau de ensino.

Pedagogia crítica e emancipatória

Autores como Giroux, Paulo Freire, McLaren, entre outros, têm idéias comuns sobre a necessidade de elaborar um discurso pedagógico crítico na superação das limitações das propostas mais tecnocráticas da educação e das confusões provocadas por correntes de pensamento pós-modernas, que postulam a dissolução da história e do sujeito transformador.

Para Giroux (1997, p. 28), “as escolas são lugares públicos onde os estudantes aprendem o conhecimento e as habilidades necessárias para viver uma democracia autêntica”. Caracteriza a escola como lugar de investigação crítica, diálogo significativo e atividade humana, direcionado à liberdade individual e à justiça social. Aprender é assumir riscos e provocar transformações sociais; é organizar-se e lutar

contra a opressão; é reentender o conhecimento para criar uma sociedade mais avançada e essencialmente democrática.

Teorias e práticas educacionais emancipatórias, possivelmente fermentarão cidadãos críticos, participativos e com capacidade decisória. Uma visão do que poderia ser, uma antevisão que alie o discernimento da consciência à luta pela mudança - condição mínima para o estabelecimento de um novo fazer pedagógico.

“Os professores precisam adquirir maior controle sobre o desenvolvimento de materiais curriculares; eles precisam ter mais controle sobre como estes materiais poderiam ser ensinados e avaliados, e como alianças em torno de questões curriculares poderiam ser estabelecidas com membros das comunidades mais amplas” (Giroux, 1997, p. 40).

O desenvolvimento, a interpretação e a transmissão do conhecimento, bem como a formação política da consciência, não são somente privilégio da universidade, mas é sua missão essencial. A situação assim colocada vem exigir, em primeiro lugar, um novo olhar sobre os estudantes, não como receptáculos passivos e explicitamente acríticos, mas como agentes do processo, capazes de agir autonomamente.

“Acho que o que realmente faço é politizar o processo da educação nas mentes dos alunos. No momento em que você diz que as pessoas podem ser agentes no ato de aprender, você politiza a questão da educação. Ela se torna política na melhor acepção da palavra, o que significa dizer que os alunos têm de se tornar autoconscientes sobre os tipos de relacionamentos que dão suporte ao processo de aprendizagem. Essa é uma questão política” (Giroux, 1999, p. 27).

Em segundo lugar, um olhar sobre o conhecimento, no interior da instituição universitária, sob o ponto de vista dos fundamentos epistemológicos e políticos. As interconexões disciplinares e as concepções teórico-pedagógicas sustentam decisões

curriculares e decisões epistemológicas que vão constituir o capital cultural dos profissionais do século XXI, e têm na sua ação uma influência decisiva sobre as formas de aprender dos estudantes.

“Eu acredito que o atual debate sobre as educação superior abre novas possibilidades para se pensar no papel que os educadores universitários podem desempenhar como intelectuais públicos criticamente engajados. Enquanto os neoconservadores em geral encaram o amplo debate sobre o lugar fundamental da literatura, cultura, ética e política na instituição acadêmica e na sociedade mais ampla como sintomático de uma crise de autoridade e de um ataque não moderado à própria civilização ocidental, eu prefiro encará-lo como parte de uma grande renovação na vida acadêmica” (Giroux, 1998, p. 108).

Como terceiro ponto de reflexão colocamos a dialética entre aprendizagem e avaliação. Aprendizagem vista como desenvolvimento do ser humano e avaliação como ato crítico de reorientação e construção de possibilidades.

“A esfera da educação superior representa uma cultura pública importante que cultiva e produz histórias específicas de como viver ética e politicamente; suas instituições reproduzem valores selecionados e abrigam, em suas relações sociais e práticas de ensino, conceitos específicos em relação a “que conhecimento é mais valioso, o que significa conhecer algo e como se pode construir representações de (si), de outros e do ambiente social” (Giroux 1999, p. 109).

As obras de Paulo Freire também indicam que o futuro educacional se vincula à possibilidade de estudantes e docentes tornarem-se criticamente auto-reflexivos na análise das relações sociais discriminatórias. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros” (Freire, 1997, p. 66).

Esse respeito à identidade dos alunos, seus saberes, seus desejos, suas potencialidades, deve acontecer na prática cotidiana do ensinar e do avaliar. Freire coloca questões cruciais sobre o trabalho pedagógico crítico, o qual se relaciona com lutas reais, em instituições reais e em comunidades reais. Ele levou muito a sério a importância de se lutar para construir uma educação crítica da conscientização.

Preocupações éticas e políticas devem animar nosso criticismo social e ideológico, para fazer conexões com nossas utópicas esperanças e sonhos, negados pela sociedade em que o lucro conta mais do que as pessoas. É nosso compromisso, estamos juntos nas lutas cotidianas e nos movimentos sociais, para reconstruirmos uma universidade com projetos e práticas emancipatórias. “É por isso também que a educação será tão mais plena quanto mais esteja sendo um ato de conhecimento, um ato político, um compromisso ético e uma experiência estética” (Freire, 1993, p. 117).

Em suas cartas pedagógicas na obra “Pedagogia da indignação”, editada em 2000, três anos após sua morte, é possível perceber a permanência viva, através das idéias que germinam. Ele sempre dizia que as verdadeiras ações éticas e genuinamente humanas nascem de dois sentimentos contraditórios do amor e da raiva - amor humanista e indignação política.

“A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto a indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha as condições históricas, materiais, os níveis de desenvolvimento tecnológico, do contexto do sonhador. Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica Lutas” (Freire, 2000, p. 53-54).

Na reflexão sobre a pedagogia crítica, sobre a vida nas escolas, é necessário buscar as idéias de McLaren, idéias essas interligadas às discussões de Giroux e Freire. Convivendo com populações suburbanas, empobrecidas e excluídas, trazer a vida delas para dentro da escola é trazer a exigência da transformação e do saber

como uma alternativa de mudar o mundo. Para McLaren, há um movimento dialético entre conversão da ação transformadora em conhecimento e a conversão do conhecimento em ação transformadora.

McLaren ilumina a rigidez das fórmulas feitas, dos currículos reproduzidos, das ações escolares cumpridas com sacrifício pelos professores, do empobrecimento cultural. Ele chama atenção para a violência epistêmica que isso representa, juntamente com a explosão do desejo de saber e do prazer de aprender. Mostra que as escolas estão a serviço de um determinado modelo político-econômico.

Como Paulo Freire, Peter McLaren faz a dialética da denúncia e do anúncio. Ao mostrar uma realidade do primeiro mundo, de economia globalizada, defende a necessidade urgente de formação dos educadores como agentes de luta contra a dominação, como autores na construção de novas categorias e conceitos, num processo de profunda interação social. “Os teóricos educacionais críticos argumentam que os professores devem entender o papel que a escolarização representa ao unir conhecimento e poder, para usar este papel no desenvolvimento de cidadãos críticos e ativos” (McLaren, 1997, p. 192).

A visão tradicional de ensino-aprendizagem como um processo neutro separado das ações e conceitos de poder, política, história e contexto não é mais admissível, mesmo sabendo que na prática ainda veicula a alienação. As universidades devem ser locais onde os estudantes se educam entre si para se tornarem cidadãos e pensadores críticos.

“Argumentar que o conhecimento é socialmente construído, em geral, quer dizer que o mundo em que vivemos é construído simbolicamente pela mente, através da interação social com os outros e é extremamente dependente da cultura, contexto, costume e especificidade cultural” (McLaren, 1997, p. 202).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto sócio-histórico-pedagógico que perpassa o espaço acadêmico acontece a interação entre sujeitos que ensinam, aprendem e resgatam sua cidadania. Uma das críticas constantes à universidade, como instituição educativa deste século, é de que ela continua sendo reprodutora dos valores dominantes e das desigualdades sociais. Sua legitimidade não está nela mesma, mas sim no que poderá provocar com a construção de um saber e uma prática transformadora.

Ao longo deste texto, jogaram-se palavras significativas, organizaram-se idéias, refletiu-se sobre a pedagogia crítica. Compreender como se estabelecem as relações entre saber e poder e os vínculos entre ensinar e aprender, é decisivo para opções educativas emancipatórias na universidade.

Não existe compreensão social pura, nem interações perfeitas. Na dialética dos conflitos e contradições poderá nascer a verdade. Na objetividade e na subjetividade, na ciência e no senso comum busca-se um entendimento educativo. Sem a discussão científica de uma nova visão de mundo, em suas múltiplas relações, sem tratar o conhecimento em sua transdisciplinaridade, sem considerar as questões de gênero, raça e diversidade cultural, sem politizar a educação, corremos um sério risco de construir ações psicopedagógicas contraditórias.

Compreender como se processa o ensino-aprendizagem; como o ser humano se organiza na busca do conhecimento; como o estudante recupera seu poder de aprender, seu prazer epistemológico, sua autonomia nas decisões, sua auto-estima e a imagem de si mesmo, é fundamental para a ação psicopedagógica na universidade.

No confronto com a complexidade desta realidade está o desafio de aprofundar estudos, investigar um possível caminho para a concretude da ação psicopedagógica na universidade, partindo de um diagnóstico desta instituição, sob vários pontos de vista: estrutura organizacional, projeto político-pedagógico, currículo, sujeitos cognoscentes, cultura, metodologia, avaliação, interações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

_____. **Educação e mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais, rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

_____. **Pedagogia radical: subsídios.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas - uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial.** Petrópolis: Vozes, 1999.